

AS DANÇAS TRADICIONAIS COMO EXPRESSÃO DA HISTÓRIA E CULTURA LOCAL

Neide da Silva Campos

Bolsista – COEDUC/UNEMAT

Maria Rita Silva Pereira

Bolsista – COEDUC/UNEMAT

Beleni Saléte Grando

Prof^a. Dra. Orientadora – COEDUC/UNEMAT

RESUMO

Esta pesquisa se desenvolve nas comunidades que realizam as festas de Santo na cidade de Cáceres-MT. As danças tradicionais pesquisadas expressam as maneiras de ser local, sua religiosidade e história construída num espaço de fronteira étnica e cultural. Os saberes sobre as danças são formas de conhecer a realidade local e podem ser implementados como conteúdos da Educação Física na escola.

ABSTRACT

This research if develops in the communities that accomplish Saint parties in Cáceres-MT city. The researched traditional dances express the personalities place, the religiosity and history built in a space of ethnical and cultural border. The knowledge about the dances are forms of knowing the local reality and they can be implemented as contents of the Physical Education in the school.

RESUMEN

Esta investigación se desarrolla en las comunidades que realizan las fiestas de Santo en la ciudad de Cáceres-MT. Las danzas tradicionales investigadas expresan las formas de ser local, su religiosidad y historia construida en un espacio de frontera étnica y cultural. Los saberes sobre las danzas son formas de conocer la realidad local y pueden ser implementados como contenidos de Educación Física en la escuela.

A HISTORICIDADE DAS DANÇAS EXPRESSAS NA CULTURA LOCAL

O presente trabalho baseia-se em estudos realizados no Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura, no Núcleo COEDUC/UNEMAT. Este grupo desenvolve pesquisas visando compreender como se constituem as identidades individuais e coletivas em Mato Grosso, tendo por referência as manifestações da cultura corporal regional, principalmente as transmitidas tradicionalmente.

A metodologia utilizada para a efetivação da pesquisa sobre as danças populares foi a pesquisa participante. Recorremos para a coleta de dados sobre as danças tanto ao estudo da literatura específica quanto às visitas as casas e comunidades urbanas e rurais que conservam as tradições festivas onde ocorrem as danças tradicionais.

As danças tradicionais como o cururu, siriri, rasqueado e dança de São Gonçalo fazem parte das manifestações populares da cidade de Cáceres e encontram-se inseridas no contexto religioso local. Nestas danças, a cultura corporal de movimento traduz os sentidos e

significados incorporados no ritual religioso popular impressos nos corpos/pessoa de cada um que participa das danças realizadas nas festas de santos.

É pelo corpo que a cultura também se estabelece e se manifesta. Para Mauss (1974) estas formas de manifestação da cultura se expressam nas técnicas corporais específicas que nos marcam desde o nascimento até a morte, por ser o corpo o “[...] primeiro e mais natural instrumento do homem”. Nele são inscritas as formas com as quais cada grupo social recorre para identificar suas formas de fazer, de interagir com o outro e com o meio, de constituir-se como pessoa com competências técnicas adequadas ao seu meio.

Para Mauss (1974), as técnicas corporais são assim formas de expressão de cada grupo social específico, e a partir delas podemos tanto identificar um grupo ou diferenciá-lo. Como afirma Grandó (2004), as técnicas como o correr, andar, falar, dançar etc., expressam significações que ultrapassam o puro ato repetitivo e mecânico da expressão corporal, e portanto, cada técnica expressa, conforme o grupo social que a produziu e a reproduz, seu próprio sentido e significado, pois são construídas na relação com o outro e o meio; ao serem apropriadas, no corpo, constituem-se como formas de identificação de cada pessoa.

O meio social complexo, no qual as pessoas da cidade se constituem culturalmente, reflete as relações históricas com um espaço geográfico privilegiado que possibilitou o intercâmbio entre diferentes formas de ser.

Nascida as margens esquerda do Rio Paraguai, no final do século XVIII, Cáceres surgiu como um povoamento pequeno sob o nome de Vila Maria, ao dia 06 de outubro de 1778, fundada pelo 4º governador da capitania de Mato Grosso, o português, Luiz de Albuquerque Mello Pereira e Cáceres. Diversos motivos ocorreram para que se fundasse esse novo povoado, dentre eles sua localização geográfica que oportunizou ser um espaço de fronteira com a Bolívia, ser a ponte de apoio entre Vila Bela (capital na época) e Cuiabá (capital atual), possuir terras férteis, abrigar alguns índios e ter acesso a São Paulo pelo Rio Paraguai.

Nesta região de fronteira, Cáceres atualmente é um espaço privilegiado de estudos, principalmente considerando o grande fluxo migratório de diversas regiões do Brasil, que trouxe uma diversidade de manifestações culturais de cunho religioso, mas que promovem uma identificação coletiva com o catolicismo popular.

Os pioneiros do pequeno povoamento que iniciaram a história de Cáceres, foram os nativos castelhanos, os Guató, os Bororo, e outros, etc., bem como os negros e os imigrantes brancos. Assim a população foi se constituindo, se mesclando e estabelecendo-se através de toda essa diversidade existente; embora muitas vezes negada e forçada a uma homogeneidade cultural, os cacerenses foram criando uma maneira de ser própria, graças a essa multiplicidade de culturas. Esta maneira manifesta nas festas religiosas e nas danças tradicionais são como representações da cultura do povo que expressa seu saber-fazer e sua singularidade cacerense e mato-grossense.

O culto ao santo faz parte da presença e da herança ibérica deixada pelo colonizador, e principalmente no que se refere ao catolicismo é algo bastante expressivo, segundo Steil (2001, p.14) “[...] com as imagens dos santos trazidos pelo colonizador português, vieram às crenças que deram origem ao catolicismo popular brasileiro”. Ainda hoje a devoção ao santo é muito presente na sociedade cacerense.

Em pesquisa realizada anteriormente pela equipe do COEDUC, entrevistamos diversos cururueiros (homens responsáveis pela música e danças nas festas religiosas) da região da Grande Cáceres, e podemos concluir que as festas são realizadas tanto por cacerense que nasceram e criaram aqui, como por pessoas de outros municípios e estados, que vieram para cá

e trouxeram consigo a prática de homenagear determinada santidade por meio do ritual festivo.

O catolicismo consolidado nas casas dos promesseiros estrutura-se no âmbito do catolicismo popular tradicional, no qual o próprio povo se constitui como autoridades (se denominam como autoridades os promesseiros, festeiros, cururueiros e rezadeiras), sempre mantendo uma relação de resistência ao catolicismo oficial clerical, cuja forma de organização e poder se faz através de hierarquias e institucionalização. O catolicismo tradicional, “É um catolicismo laico por que seus agentes não formam um corpo especializado de agentes religiosos. Enquanto sistema religioso apresenta-se menos como instituição com fronteiras demarcadas e mais uma experiência que permeia a vida e a cultura” (STEIL, 2001, p. 21).

Da pesquisa, concluímos que dos vários santos louvados no transcorrer do ano, os mais festejados são: santo Antonio (santo casamenteiro); Nossa Senhora Aparecida (a Padroeira do Brasil); São Gonçalo (protetor dos ossos/casamenteiro) entre outros. São Sebastião é o santo mais homenageado pelos devotos, sendo conhecido como o protetor dos animais. Foi constatado também no que se refere ao ritual festivo que o baile está presente em 34% das festas de santo, a dança de São Gonçalo é realizado em 13% e o Siriri com 12% (COSTA E GRANDO, 2006).

As festas religiosas em Cáceres como manifestações do catolicismo tradicional popular ocorrem há vários anos e muitos ainda conservam apesar das transformações o ritual festivo composto por diferentes momentos e que expressam as especificidades de cada pessoa, nas suas formas de organizar, interpretar e entender o mundo.

Assim, as danças tradicionais são formas de expressão da cultura que cada grupo social recorre para manifestar sua identidade coletiva e nisso, constitui-se como uma das formas das pessoas mais velhas repassarem/transmitirem suas experiências e características de viver coletivamente as crianças e aos mais jovens.

Diversas são as manifestações que a cultura engloba com conhecimentos que são passados por gerações e que contribuem para identificar não só o grupo social, mas acabam sendo formas de externar as identidades coletivas que passam a ser assumidas pelas cidades e por estados de forma folclorizada, por serem estas as características mais enraizadas no cotidiano do local.

Porém, um dos problemas que nos deparamos com a possibilidade de globalização da cultura hegemônica ou de “moda”, é a descaracterização dos elementos que nos identificam com o local e com nosso contexto social.

Ao se referir a desvalorização da cultura popular, Arantes (1990), estabelece relação com a desqualificação dos saberes populares na sociedade capitalista, onde se percebe a valorização do acadêmico para desqualificar o mestre da experiência, o intelectual desqualificando o prático, sem reconhecer a relevância social dos saberes populares para a realização da produção e das práticas sociais cotidianas. Com isso, para o autor, esta análise nos “[...] indica que a partir dos lugares de onde se fala com autoridade na sociedade capitalista, o que é popular é necessariamente associado a ‘fazer’ desprovido de ‘saber’”. (ARANTES, 1990, p.14).

Como revelam os dados sobre as danças tradicionais, constatamos que a frequência com que estas são realizadas pelas autoridades no ritual vem diminuindo sensivelmente. As festas são invadidas pelo som mecanizado e a cultura tradicional existente busca resistir às influências de outros ritmos ao mesmo tempo em que integra a mesma os bailes.

Para Fantin (1998, p.46) “[...] a festa não é uma instituição imune ao tempo ou ao contexto em que celebra. Ela é possível de mudanças, pode ser constantemente reinventada, incorporando novos elementos, traduz novos significados”.

Na fala de um cururueiro, em entrevista a equipe do COEDUC, ele recorda resignado das mudanças ocorridas no âmbito das festas na comunidade do taquaral principalmente com relação às danças tradicionais e a prática do cururu nos dias atuais. “[...] o cururu ia do começo até o fim da festa, agora tá cabando, só levanto o mastro, cabou agora, pronto. Cabou o cururu, liga o som aí, aí dentro você não escuta nada, como você vai brincar o cururu? Como você vai brincar o siriri? [...]”.

E quando vem à tona nas reminiscências dos cururueiros, as festas de santo são sempre recordadas com saudosismo e como diz uma música do rasqueado mato-grossense “[...] é tempo bom que não volta mais, só na lembrança de quem foi menino e hoje é rapaz”. Assim, em suas memórias, os mais velhos, festeiros da cidade, trazem “[...] a lembrança constante de um passado que não coincide plenamente com o presente. E esta é exatamente a função social do velho “lembrar e aconselhar - *memini, momeo* – unir o começo e fim, ligando que foi e por vir , [...] são eles a fonte de onde jorra a essência, ponte onde o passado se conserva e o presente se prepara .” (CHAUÍ *apud* NOVAES, 1993, p.89).

Para Pessoa (2005), “A festa popular é o grande e fecundo momento a nos ensinar que a arte de viver e de compreender a vida está na perfeita integração entre o velho e o novo. Sem o novo paramos no tempo, mas sem o velho nos apresentamos ao presente e ao futuro de mãos vazias” (p, 39).

Ao se interagirem no ritual, os jovens e as crianças estão aprendendo as práticas culturais transmitidas pelos mais velhos, pelas autoridades. Por meio dos simbolismos que orientam cada sociedade, criam-se espaços sociais aonde vamos apropriando elementos que permitem uma caracterização do eu, do nós, e do outro. Para Geertz (1989, p. 61) “[...] somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e nos acabamos através da cultura [...]”. É assim, por meio da cultura, que somos modelados a cada momento e incorporados dentro de cada contexto específico com seres únicos, e as danças são instrumentos que nos diferencia e nos identifica enquanto elemento de um determinado grupo social.

Por cultura, compreende-se a partir de Geertz (1989) que esta, está diretamente relacionada ao conceito de homem, para o autor, “[...] cada homem é formado por padrões culturais que os orientam nas relações com outras pessoas transformando-se em comportamento de um grupo social específico no qual pertencemos”. (1989, p.64)

Nesta pesquisa, optamos pela compreensão de cultura como uma forma de conhecimento que é repassado, uma forma de resistência aos diversos elementos que influenciam as mudanças de comportamentos sociais, é assim uma forma de educar específica de cada grupo social. Ao manter a “cultura”, os grupos sociais garantem a transmissão de valores religiosos, de agradecer e renovar a esperança em um futuro melhor, de integrar novos membros ao grupo, enfim, nas formas de festejar a vida em grupo.

No entanto, a dinâmica da cultura e a necessidade de reconhecer-se nela, têm contribuído para que os mato-grossenses que residem a mais tempo no local assumam com mais força e vigor os hábitos e tradições locais que os identificam, como os modos de vestir, falar, de cozinhar, de relacionar-se com os familiares e com a natureza, resignificando os valores que os identificam.

[...] elementos como danças, músicas e alegorias incorporam elementos simbólicos de todos os segmentos sociais e étnicos, deixando suas marcas na

cultura brasileira e nas formas de manifestação religiosa popular. (GRANDO, 2004, p. 191).

Segundo Bergue (1986), a dança tem um papel fundamental no processo ensino-aprendizagem, pois ela “[...] educa a receptividade sensorial e suscita uns sentidos novos que poderemos chamar o sentido de ser e que não a compreensão psicológica da vivência corporal, mas também uma experiência física” (p.26).

AS DANÇAS TRADICIONAIS EM CÁCERES

Segundo Araújo (*apud* GRANDO, 2004) “siriri” vem de siriricar, isto é dar um puxão no anzol. Quando se forma a roda para dançar ao escolher a parceira, o cavalheiro faz um gesto de pescador de anzol, siriricando a sua dama. Parece-nos que o nome siriri ou ciriri dado tanto a cantiga como a dança, pode-se relacionar com a ave de pequeno porte, da família dos tiranídeos conhecida como siriri. Esta corresponde ao bem te vi miúdo (GIFFONI, 1973, p.68).

Na obra de Grandó (2004) os cururueiros pesquisados relatavam que o siriri surge a partir de um tipo de formiga com asas que andam rodeando que nem o siriri de roda. Para os estudiosos o siriri é uma mistura entre brancos, negros e índios que influenciaram na constituição do povo mato-grossense.

O siriri é uma das características marcantes das festas religiosas, começa a reza e a ladainha ao santo devoto, logo depois acontece o cururu, ao final começa a dança do siriri, momento em que as mulheres começam a dançar (pois o cururu é dançado apenas por homens), e todos se divertirem.

Em Cáceres o siriri não é dançado somente em roda, mas também em fileira, e os cantadores cantam e os dançarinos respondem os versos. É dançado por homens, mulheres e crianças, o ritmo é alegre e cheio de movimentos, as coreografias são variadas cada lugar se dança de um jeito. O siriri em nossa região é chamado por siriri pantaneiro.

Nas festas religiosas acontece também a dança do cururu, uma importante dança da nossa região. Com entrevistas feitas com cururueiros da região podemos constatar que a dança do cururu é muito antiga, e que cada um conta uma versão para o surgimento do cururu. Mas há unanimidade ao afirmarem que o cururu veio sendo transmitido de pai para filho e que foi em algumas regiões ribeirinhas, como a do rio Coxipó que era povoado pelos índios bororo que surgiu a dança do cururu.

O cururu é uma dança classificada de sacra e profana ao mesmo tempo, é dançada somente por homens que, em roda numa sala ou ao ar livre, cantam e sapateiam ao som da viola de cocho (instrumento original do Pantanal mato-grossense) e do ganzá (uma taboca marcada e rachada que emite som do reco-reco), recitando versos e toadas em homenagem a um santo de devoção do dia.

O cururu é sacro por entoar na musica os louvores e orações aos santos de devoção popular, em algumas festas a figura do cururu está se tornando lendária, ficando o papel para as rezadeiras fazer as funções.

É profano, quando sua cantoria é feita em forma de desafio e versos dos repentistas que ao cantarem executam coreografias variadas, conforme habilidades de cada um. Cantando e dançando com sapateios esses cururueiros atravessam a noite sem parar, ora recordando amores presentes ou distantes, ou saudando alguém, quando não entregando ao desafio

competidor mostrando sua rapidez e inteligência, em duplas desafiam outras, para que saibam responder e assim se seguem durante toda a festa (PÓVOAS, 1994, p.139).

Outra dança relevante é a dança do São Gonçalo. Esta dança tem referências ao santo português e era realizada antigamente, desde o século XIII, no interior das igrejas de São Gonçalo. Este santo festejado a 10 de janeiro, data de sua morte em 1259, é homenageado no Brasil em princípios do séc.XVIII.

A devoção vem da vida de São Gonçalo, que passou por um período de busca interior e encontrou na experiência popular a maneira de converter pecadores. Conta-se que São Gonçalo para regenerar as prostitutas, vestia-se de mulher, dançava e cantava com elas a noite inteira. Ele queria que as mulheres que participassem dessas danças aos sábados não cairiam em tentação ao domingo. Acreditava ainda, que com o tempo se converteriam e se casariam.

Com isso, São Gonçalo é considerado até os dias atuais um santo casamenteiro e protetor das pernas e dos ossos, de modo geral, seus devotos acreditam que a dança é uma das formas de homenagear e querer forças positivas na vida por meio da fé. Assim, a dança é considerada puramente religiosa, passada de pai para filho como o siriri e o cururu, integrando as festas populares.

Os instrumentos utilizados durante a cantoria são os mesmos do cururu. A festa no meio rural prolongava por quase uma semana e tinha todo um ritual artístico como: levantamento do mastro com bandeiras simbólicas e rezas. Os sucessos destas festas dependiam da caravana “esmoler”, que eram os devotos que se constituíam de um cavaleiro carregando uma bandeira branca e uma imagem do santo, acompanhada pelo tocador de tambor e dois meninos cantores e um rabequistão. O tambor era usado para anunciar a chegada do grupo que vinha pernoitar, precedido de aviso anterior, recebido para a folia que agregava os sitiantes mais próximos, com o objetivo de arrecadar esmolas para a festa do santo. Hoje já não se vê estas manifestações da caravana, mas o “esmoler” permanece embora com outras estratégias para agregar as pessoas e os recursos materiais para a festa, que distribui gratuitamente o alimento, o pouso e a alegria que revitaliza a fé.

As festas de São Gonçalo são mais comemoradas nas cidades de Cáceres e Poconé, no entanto na literatura é apresentada como uma das tradições mais fervorosas em nosso estado. Dançada em círculo, o tocador convida todos os presentes para beijarem e reverenciarem o santo, em seguida inicia a canção que se repete por várias vezes. É uma festa de louvor que alegra a todos os participantes, a tradição da festa e da dança de São Gonçalo é de suma importância, pois mantêm viva a fé e as tradições populares que muitos não reconhecem como fruto de nosso passado.

A mais popular das danças, no entanto, é o rasqueado. Esta dança é a que finaliza as festas de santo pois não há nada de sagrado em sua origem. Embora em sua história temos presente a própria história da cidade que se constituiu em relações de fronteira. Das festas populares, esta dança conquistou muitos adeptos, dançado em varias festas, em clubes, etc.

O Rasqueado: Definição da palavra rasqueado: “[...] arrastar as unhas ou um só polegar sobre as cordas, e sem as pontear”. Em Mato Grosso, a expressão musical [...] traz no seu processo histórico toda uma saga, que começou após o fim da Segunda Guerra da Tríplice Aliança (Guerra do Paraguai), quando os prisioneiros ficaram confinados a margem direita do rio Cuiabá [...]. Aqui permanecendo resultando em várias influências em costumes, linguajar, e principalmente danças folclóricas: a polca paraguaia e o siriri, dando origem ao rasqueado mato-grossense. (GUAPO, 1985, p.35).

Os prisioneiros permaneceram em toda a região pantaneira, como nas margens do rio Paraguai que banha todo o Pantanal que integra os estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul no Brasil, a Bolívia e o Paraguai.

A dança é uma criação pessoal que através do corpo possibilita a pessoa construir seus próprios movimentos; conforme a criatividade, cada qual tem seu jeito de dançar e criar seu próprio movimento. A expressão corporal é uma linguagem através da qual o ser humano expressa sensações, emoções, sentimentos e pensamentos com seu corpo, integrando assim as suas outras linguagens expressivas como a fala, o desenho e a escrita.

Ao se referir a origem da dança, Câmara Cascudo (2004), afirma que “[...] a dança começou por um rito de caça, não se destinava aos deuses, mas a sedução dos animais cujos gestos eram repetidos e os aspectos imitados com o uso da pele, cauda e chifre” (2004, p.585).

Para Mauss (1974), cada sociedade sabe servir de seus corpos de maneira diferentes, há práticas corporais e hábitos que lhe são próprios e que possibilitam sua identificação. E, neste sentido, torna-se necessário conhecer, identificar e revelar as expressões corporais através das danças tradicionais assim como compreender como estas são transmitidas de geração para geração no espaço e no tempo marcado por transformações que também podem ser visualizadas nas diferentes técnicas corporais expressas nas maneiras de dançar.

Os dados demonstram que as danças estão presentes na maioria das festas de santo, agregando diversidade e integrando gerações, e são consideradas festas tradicionais as que garantem a presença dos cururueiros. São eles os responsáveis pela cantoria, dança, procissão e pelo levante do mastro. Nas festas religiosas os mais velhos organizam o ritual, como confirma os dados, que é sistematicamente vinculado às danças tradicionais cujas técnicas corporais e conteúdo simbólico variam de acordo com os sentidos religiosos, o santo homenageado, a origem do festeiro, entre outros que mantêm características de ser e educar os corpos em relação.

A expressividade da festa do povo explode no canto, na dança [...] A expressividade popular é, sobretudo social, criadora de igualdade: o canto manifesta a fala grupal, cheio de poesia e alegria, em contraste com a comunicação cotidiana [...] A dança rompe com a fadiga dos movimentos automatizados, retílineos, solitários. A dança é uma forma de estar-junto [...]. (RIBEIRO JUNIOR, 1982, p.56 e 57).

Compreendendo esta dimensão do constituir-se como membro de um grupo a partir da dança, em nossa pesquisa não identificamos um momento exato que possa ser o espaço de transmissão desta educação permeada pelo cururu, mas esta educação se faz presente em todas as redes de relações que a festa exige para que seja mantida a tradição.

Pela educação promovida pelos mais velhos, os jovens são integrados ao contexto social, local e regional, a partir da dança que é apropriada como criação pessoal, mas que ao expressar a criatividade e individualidade integra a pessoa ao grupo.

Assim, quer seja para o cururu ou para a reza, não verificamos um processo mais formalizado para o ensinamento dessas práticas, embora hajam grupos considerados tradicionais que mantêm dinâmicas do ensino da dança organizado pelos cururueiros e festeiras, que formam crianças e jovens para abrilhantarem festas maiores e, inclusive, com a perspectiva de espetáculo nas festas não religiosas.

Podemos concluir que as danças possuem outros espaços que têm como objetivo a manutenção da expressão da cultura corporal específica de Mato Grosso, principalmente no que diz respeito ao siriri, dança que na maioria das festas de santo está sendo cada vez mais

rara. Nestas festas, encontramos com mais freqüência, a dança de São Gonçalo, que, frente as diversidades impostas pela vida nesta região do país, revigora a fé e a esperança em melhores dias à população local.

Ao estudarmos as danças tradicionais pretendemos construir saberes sobre a cultura mato-grossense e referências para uma educação que valorize as minorias e os saberes populares no contexto escolar, principalmente nos conteúdos da Educação Física. Saberes estes que constituem as maneiras de ser mato-grossense hoje e que no contexto das relações cotidianas garantem a sobrevivência da comunidade, da família, e de regiões do estado desprovidas de bens materiais que garantem uma vida mais saudável.

REFERÊNCIAS

- ARANTES**, Antonio Augusto. O que é cultura popular- São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BERGE**, Ivonne. *Viver o seu corpo: por uma pedagogia do movimento*. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986
- CASCUDO**, Luís da Câmara. *Civilização e cultura: pesquisa e notas de etnografia geral*. São Paulo: Global, 2004.
- COSTA**, Denildo da Silva e **GRANDO**, Beleni S. Relatório final do Projeto de Pesquisa “Festas religiosas na grande Cáceres: significados da festa no processo de constituição da identidade coletiva dos diferentes grupos sociais. Relatório da Bolsa PIBIC/CNPq, entregue a pró-reitoria de Pesquisa e pós-Graduação da Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres-MT, julho de 2006.
- FANTIN**, Márcia. *A reinvenção das festas: contribuições para o debate*. In: FLEURI, Reinaldo Matias (orgs.). *Culturas em relação*. Florianópolis: Mover, 1998. (p.43-52)
- GRANDO**, Beleni Saléte. *Corpo e Educação: as relações interculturais nas práticas corporais bororo em Meruri-MT*. Tese de doutorado apresentado junto ao programa de pós-graduação no Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 25 de março de 2004.
- GRANDO**, Beleni Saléte. *Corpo, Educação e Cultura: as práticas corporais e a constituição da identidade*. In.: Beleni Salette Grandó (org.), *Corpo, Educação e Cultura: práticas sociais e maneiras de ser*. Cáceres, MT : Editora da UNEMAT, 2007 (p. 17-47). (prelo).
- GUAPO**, Milton Pereira de Pinho. *Remedeia co que tem: formação da musicalidade Mato-grossense*. Cuiabá : ÁRÀ, 1985.
- GUEERTZ**, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. (p. 45-66).
- LÜDKE**, Menga. **ANDRÉ**, Marli. *Pesquisa em Educação: Abordagem qualitativa*. São Paulo: E.P.U, 1986.
- MAUSS**, Marcel. *As técnicas corporais*. IN: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974. (p. 210-218).
- NOVAES**, Sylvia Caiuby. *Jogo de espelhos: imagens da representação de si através dos outros*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1993.
- PESSOA**, Jadir de Moraes. *Saberes em festa: Gesto de ensinar e aprender na cultura popular*. Goiânia: Kelps, 2005.
- RIBEIRO JUNIOR**, Jorge Cláudio Noel. *A Festa do povo: Pedagogia da Resistência*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- STEIL**, Carlos Alberto. *Catolicismo e Cultura*. In. : Victor Vicent Valla (org.), *Religião e Cultura Popular*. Rio de Janeiro : DP&A, 2001 (p.9-40).

Neide da Silva Campos, Rua da Liberdade S/Nº Bairro: São José Cáceres-MT , CEP:78200-000, neide_pedagogia@hotmail.com.

Maria Rita Silva Pereira, Rua José de Alencar , Nº180 Bairro: Monte Verde Cáceres-MT , CEP:78200-000, mrill_silva@hotmail.com.

Beleni Salete Grando, Rua F, 344 – Bloco 9/202 – Residencial Aclimação – Bosque da Saúde – Cuiabá-MT – 78.050-120 – beleni.grando@gmail.com